

CEDI - P. I. B.
DATA 12, 06, 86
COD M9006

**RELATÓRIO SOBRE
A MUDANÇA DOS
INDIOS *MĚKRĀGNOTÍ*
PARA O RIO IRIRI
NOVO**

RELATÓRIO SOBRE A MUDANÇA DOS
INDIOS KAYAPÓ - MEKRAGNOTÍ PARA
O RIO IRIRI NOVO.

Este relatório pode ser considerado como uma continuação dos relatórios "relatório sobre 5 anos de atuação no P.I. Mekranoti (2nda D.R.)" (10.08.1979) e "nova proposta para a reserva Mekranoti-Bau (2nda D.R.)" (10.07.1981), ambos estes elaborados por mim mesmo.

Para melhor compreender a atual situação dos índios Mekrãgnoti, inclusive os motivos das mudanças destes índios para outro lugar, acho importante de ler ambos estes referidos relatórios antes. A fim de facilitar a leitura deste relatório como documento independente, faço aqui uma análise muito resumido de 2 tópicos tratados nestes relatórios, e que considero de maior importância para o presente trabalho. São uma recapitulação sobre as propostas de reservas e uma análise da situação demográfica. Outros fatores, como a economia da tribo (caça, pesca e colheita de castanhas) serão mencionados no correr dos próximos capítulos.

As aldeias tratados neste relatório são as aldeias Kayapó de P.I. Baú e especialmente P.I. Mekranoti.

1. A RESERVA :

No momento atual, das 12 aldeias Kayapó, somente as aldeias dos P.I. Mekranoti e Baú ainda não tem seu território demarcado sob forma de decreto para reserva indígena.

Já existem, porém, 6 propostas elaboradas pelo S.P.I. (-1960), pela FUNAI (1972 e 1976) e por mim mesmo (1977, 1979 e 1981).

De fato, a área Mekranotí-Baú è uma das mais difíceis a demarcar por duas razões. Primeiramente já que estes índios ainda são muito tradicionais e assim percorrem uma grande área no Brasil Central. Área esta que ainda foi ampliada pela criação do Posto Candoca pela 2nda D.R. em 1978. Segundo porque esta aldeia esta situada na beira de um pequeno igarapé, afluente do Rio Xixê. Tradicionalmente todos os Kayapó viviam assim na beira de pequenos rios ou igarapés, mato adentro, para evitar demais contatos que occorem quando se vive na beira de um rio maior -- o meio de transporte par exelência dos demais índios Brasileiros. Com a criação dos postos pelos missionários e pelo S.P.I. (e mais tarde pela FUNAI) na beira dos rios maiores, todas aldeias Kayapó vivem atualmente na beira de um rio. Uma só exepção nota-se: o P.I.Mekranotí. O S.P.I. tentou por 3 vezes (na época de 1957-1961) de colocar estes índios num posto perto dos rios Iriri ou Curuá. Por 3 vezes porém, falhou: os índios voltaram para o seu território tradicional, na beira do igarapé, já que cada vez morreram muitas pessoas nestes postos (devido à falta de assistência nestes postos antigos). A presente situação econômica da aldeia faz com que esta aldeia mudará um dia ou outro para um rio maior. De fato, os índios Kayapó pouco a pouco ficam -- e tem de ficar -- mais sedentários. Assim terão problemas de caça. Si não tem possibilidade de pesca, terá grandes problemas de comida básica.

Si os Rios Xixê e Curuá fossem os limites da reserva para estes índios, estes no futuro vivendo na beira de um destes rios, terá-se grandes problemas e tensões na área: os índios de um lado, e do outro lado do rio fazendas. Inevitavelmente os índios entrarão em choque. Os Kayapó não aceitam vizinhos tão pertos das suas aldeias. Exemplos disto já foram dados em

outras ocasiões (vê o relatório de 10.08.1979).

Essas são os problemas principais para a eleição de uma área para reserva dos índios Mekranotí-Baú. As extensões das áreas das propostas já feitas, por isto, variam enormemente: de 2600 km² (sendo uma média de 8 km² por pessoa) até 13500 km² (sendo uma média de 34 km²)! Tem-se de considerar, como mostrarei mais adiante, a expansão demográfica do grupo, sendo que a população de ambos os grupos juntos (P.I.Mekranotí e P.I. Baú) aumentou de 250 (em 1972) até 425 (em 1982) !!!

Era previsto de elaborar a proposta final para a reserva no fim de 1981. Para esta proposta, um grupo de trabalho, constituído de um sociólogo, um engenheiro agrônomo e um antropólogo, precisa ir na área para percorrer-la junto aos índios a fim de estabelecer um mapa concreto e detalhado da real área de perambulação, bem como da real área ocupado pelo grupo tribal.

Um tal grupo de trabalho do DGPI-FUNAI estava previsto de ir na área dos PI Mekranotí e Baú em outubro 1981. Sendo que eu já trabalhei 28 meses junto à estes índios no período de 1974-1981, e que bem conheço a área ocupado por estes índios, foi considerado aconselhável eu acompanhar este grupo de trabalho na sua pesquisa de campo. Já que eu envisageava de voltar para um curto período no campo a fim de completar uns dados finais para a minha dissertação de doutoramento na Universidade de Ghent (Bélgica), decidi de combinar ambos os trabalhos de campo. Por isso que vinha para o Brasil em outubro 1981. Por motivos explicados neste relatório, não foi possível este grupo de trabalho ir junto comigo nesta data prevista. Este relatório então tem como objetivo de dar uma análise da complicada situação atual dos índios nos PI.Mekranoti e Baú.

2. A DEMOGRAFIA :

Nos meus relatórios de 10.08.1979 e de 10.07.1981 eu já apresentei análises da situação demográfica do P.I.Mekranotí. O que ressaltava em ambos era que, depois de uma baixa enorme na população entre 1958 e 1968 (período sem -- ou com muito pouco-- assistência médica), houve uma recuperação incrível sob forma de uma expansão demográfica que, ao meu ver, só tem poucos casos análogas no Brasil (a não ser, por exemplo, os Kayapó-Xikrin do P.I.Catete).

De fato, quando em 1968 a população no P.I.Mekranotí era de 136 índios, em 1974 era de 254, em 1980 de 333 e em novembro de 1981 de 365 índios !! Isto representa um acréscimo médio anual de 7 % !!

Nesta fase muito favorável de aumento da população, temos que distinguir 2 períodos: de 1968-1979 e de 1980-1981. Há uma notável diferença entre estes 2 períodos.

No primeiro período, houve muitos nascimentos e uma constante melhora na assistência médica oferecida pela FUNAI (a partir de 1973) e pelos missionários do SIL (1968-1973). O resultado era uma mortalidade extremamente baixa (só 20 pessoas morreram na época de 1974-1979). A população assim cresceu mais do que sensivelmente.

No segundo período (1980-1981) porém, nota-se uma grande alteração. A mortalidade ainda muito baixa, há uma queda enorme no número de nascimentos. Si no período 1968-1979 foram anotados uma média de 15 nascimentos por ano, no período de 1980-1981 esta média caiu até somente uns 4-5 por ano ! Isto representa uma baixa de mais do que 60 %. Mas a aldeia continua crescendo de forma notável. Aqui também, temos que distinguir

2 influências nesta evolução demográfica mais recente.

Primeiramente, um fator positivo neste crescimento ainda contínuo è a migração de várias famílias dos PI Jarina e Baú para o P.I. Mekranoti -- procurando alí uma vida mais sussegada e estável.

De fato, a situação no P.I. Baú è de grande aculturação, enfavorecida pelo número restrinto de habitantes nesta aldeia: com uma população de sómente uns 60 indios, não há quasi nenhuma manifestação cerimonial tradicional nesta pequena comunidade. O resultado è uma convivência de famílias nucleares com cada vez mais ênfase na convivência econômica e assim com cada vez menos ênfase na convivência sócio-cerimonial. E a vida cerimonial è de maior importância na manutenção dos laços tradicionais numa comunidade indígena. Políticamente também não há estabilidade no P.I. Baú. Com um chefe tribal pouco respeitado, e também limitando suas operações na esfera econômica, uma parte da aldeia prefere Kokorêti como chefe desta aldeia. Kokorêti è filho do tradicional grande chefe desta comunidade mas ele mudou-se para o P.I. Mekranoti onde è atualmente o segundo chefe desta comunidade. Assim sendo, com uma vida cerimonial limitada, há uma tendência de várias famílias desta aldeia já pequena para migrar para o P.I. Mekranoti. Para juntar ambas as aldeias não è possível, porque isto se deve aos atritos que houve entre ambos os grupos no período 1945-1955.

A situação no P.I. Jarina foi analisada no meu relatório "relatório sobre a missão de paz entre os Txukarramãe e os Mēkrāqnotí, efetuada em dezembro 1980" (G. Verswijver, 23.06.1981). Esta aldeia esta numa situação bastante crítica. A chefia tribal esta bastante discutida e instável. Essa aldeia também de-

peende politicamente em grande parte de decisões feitas no P.I.Kretire. Essa situação pouco favorável ainda è reforçada pelo fato que dentro do sistema econômico-político do Parque Nacional do Xingú, mais apôio è oferecido ao PI Kretire. E o apôio para o próprio PI Jarina geralmente vem através deste PI Kretire. Então, no PI Jarina com o seu número restrito de habitantes (uns 110 indios) e sua situação pólitica interna instável, há também uma tendência de famílias migrar para o PI Mekranoti, onde a situação política interna è bem definida e estável.

No período de 1980-1981 há assim 8 indios que migraram do PI Baú e 11 do PI Jarina, num total de 19 . Isto não pode parecer muito, mas è significativo quando se nota que neste mesmo período, a aldeia aumento sómente de 32 pessoas.

Por quê então esta baixa no número de nascimentos, já que em 2 anos nasceram sómente 12 pessoas (mais uma criança nasceu de uma família que migrou do PI Jarina), là que antes nasceram uns 15 ou mais pessoas po ano! A razão disto è econômico. Como mostrei no meu relatório de 10.07.1981 (pp 24), no período de 1974-1979 umas 80 pessoas tornaram se de crianças (consumidores muito restrintos de carne) em adolescentes (consumidores de carne). Isto è um peso muito grande para a aldeia. A tribo já esta neste local desde 1956, sendo mais do que 25 anos ! Os indios atualmente reclamam que não há carne, e assim tendam a limitar o número de nascimentos.

3. projêtos econômicos :

Não há atualmente nenhum projêto econômico sendo desenvolvido no PI Mekranotí. Antes, os Mekranoti trabalharam

anualmente no castanhal e assim podiam comprar munição, lanternas, roupas, panelas e outro material de consumo. Agora decidiram de não mais ir trabalhar nos castanhais: è muito longe da aldeia, è trabalho duro e a recompensação è mínima (sendo que as despesas de transporte das castanhas até Belém são enormes).

Os Mekranotí, há anos, fazem artesanato que vendem através da artindia da FUNAI. Comparando o artesanato deles com aquele das outras aldeias Kayapó (por exemplo Gorotire) nota-se que o artesanato Mekranoti è sempre muito bem feito por ser bem mais tradicional. Então, merece de ser pago mais do que o artesanato dessas outras comunidades.

Antes, os Mekranoti vendiam todo artesanato através da artindia de Belém. Quando perceberam, porém, que os Txukarra-mãe do Parque Nacional do Xingú receberam para o mesmo artesanato um pagamento bem maior em Brasília, os Mekranoti decidiram que eles também vão tentar de vender seu artesanato na capital. Assim, quando no meados do ano de 1981 alguns Mekranotí foram de avião para o Parque, estes levaram uma monte de artesanato que venderam em Brasília (artindia) por um valor de uns 500 000 Cr\$. O artesanato então traz muito mais dinheiro que o trabalho duro nos castanhais. E os Mekranoti vão sempre querer vender este artesanato para Brasília. Vai dificultar o transporte já que não há vôos regulares da FUNAI entre a aldeia e a capital. Essa situação pode melhorar, como veremos agora.

4. uma cisão no P.I. Mekranoti :

No início do ano de 1981, houve uma cisão no P.I. Mekranoti. Já no ano de 1979 eu previa esta separação (vê o

meu relatório de 10.08.1979, pp 28). A diferença, porém, entre esta cisão e as demais separações nas aldeias Kayapó (como no caso entre o PI Jarina e o PI Kretire, o entre o PI Kikretum e o PI Gorotire, ou também entre o PI Kubenrankein e o PI A-ukre) è que a cisão Mekranoti não foi por atritos internos (i.è. depois de uma briga interna como em todos os outros casos mencionados) mas unicamente por razões econômicos.

Assim, em março 1981 uns 95 índios saíram do PI Mekranoti e desceram o Rio Xixê. Começaram a construir uma nova aldeia no baixo Rio Xixê, então dentro da reserva proposta por mim em 1981. O então chefe do posto no PI Mekranoti (Sr. Fiorello Parisi) foi visitar o novo aldeamento e insistiu para eles construir a aldeia mais rio-abaixo, onde o acesso fluvial seria mais fácil para a FUNAI. Os índios então desceram o Rio Xixê e reiniciaram os trabalhos no Rio Iriri, a uns 3 kms rio-abaixo da foz do Rio Xixê (vê o mapa pp. 9). Este local esta fóra da reserva proposta !

Os índios chamaram o local de Pykany (ou pukanu). Contrariamente à o que o Sr. F.Parisi informou na FUNAI, ou o que ouvi na 2nda D.R., este local nunca foi um local de aldeia tradicional Mekranoti. Os Mekranoti nunca viviam tão rio-abaixo no Rio Iriri. O único lugar que ocupavam no Rio Iriri era em 1957 quando o então S.P.I. pediu para eles vir viver no Rio Iriri, altura da sua confluência com o Rio Candoca, já que a spi tinha um pequeno posto ali. Como já informei, os índios deixaram este posto muito rápido porque là morreram muitos índios por falta de assistência médica.

Já o nome indígena pode ser considerado explicativo neste ponto. Quando o pequeno grupo separado do PI Gorotire construiu

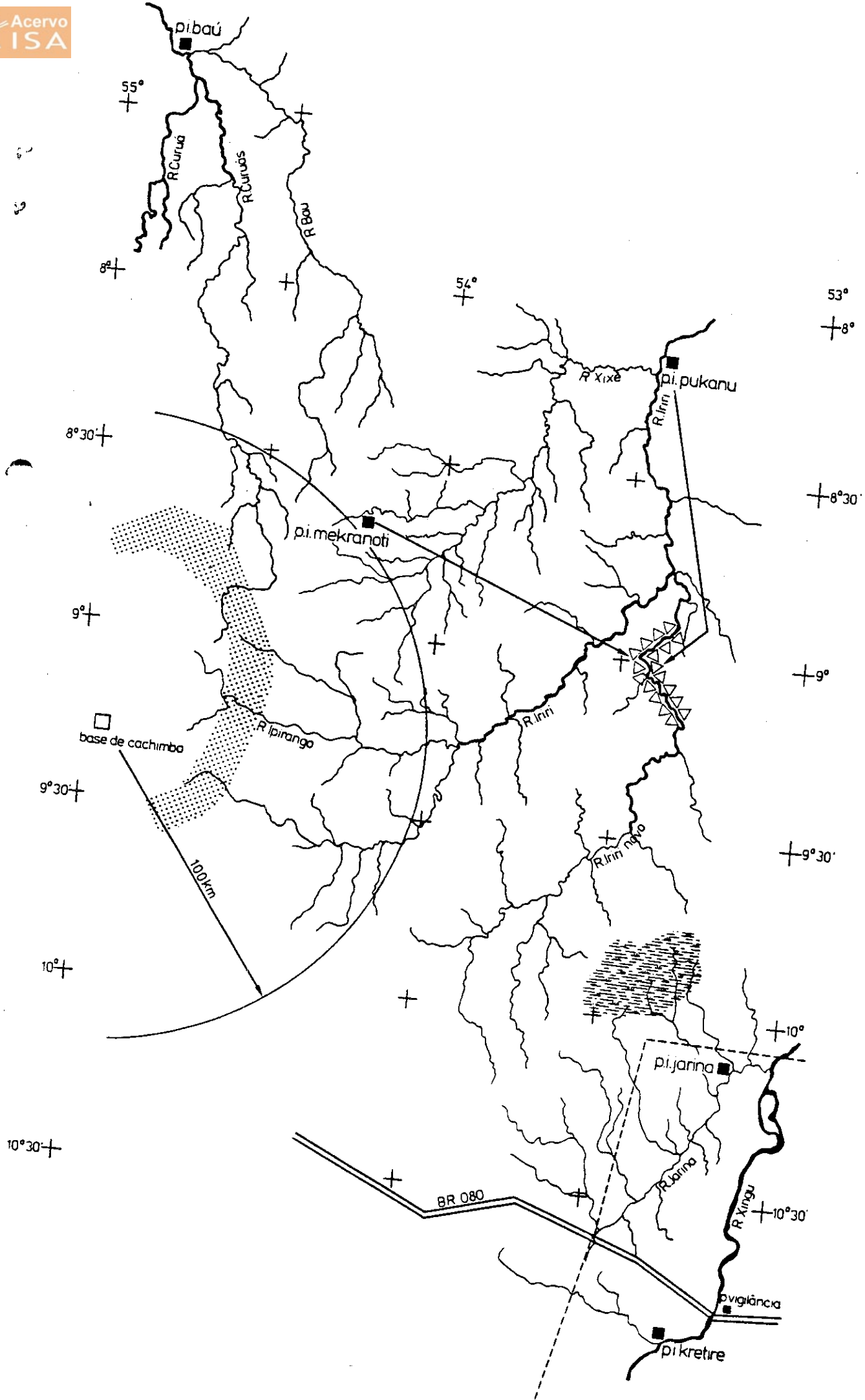
uma nova aldeia no Rio Fresco, os índios chamaram esta aldeia de kikretum -- o que significa "casa" ou "aldeia velha". De fato, em mais ou menos 1940 os índios tinham uma pequena aldeia neste local. Quando agora os Mekranoti construíram a nova aldeia no Rio Iriri, chamaram esta de "terra nova" (pykany)!

O PI Pukanu está localizado à uns 40 kms da fazenda belos Montes (situado rio abaixo e entretanto desativado). Os índios e a FUNAI usam a pista desta fazenda como ponto de apoio.

Foram quase todos casais jovens para esta nova aldeia: casais com muitas crianças. Mudaram, como já mencionei, para um outro lugar para a facilidade da caça e da pesca. Os índios mesmos estão cientes que precisam viver perto de um rio maior, com possibilidade de pesca, para poder sobreviver dentro do esquema atual de ocupação de terra, e com a infraestrutura de um posto na aldeia.

Bebgogoti, o velho chefe (80 anos) no PI Mekranoti não queria ir lá. Antigamente, sempre dizia que queria morrer no local do atual PI Mekranoti. Bebgogoti não quer mudar para um rio maior com medo de doenças (como nos casos de 1957-1961 quando muitos deles morreram lá). O resultado é que 270 índios ficaram com o velho chefe, inclusive a maioria dos homens da outra sociedade dos homens do segundo chefe tribal (Kokorêti). Ficaram, com a idéia de ali permanecer.

Foi esta a situação quando cheguei em Brasília e quando me informaram disto, foi anulado a ida do grupo de trabalho do DGPI para a área. Então, fui sozinho para fazer um levantamento da situação.



5. reagrupar os Mekranoti numa Só aldeia no Rio Iriri Novo :

Quando soube desta mudança dos 95 índios para o PI Pukanu, e que 270 ficaram no PI Mekranoti, fui informado na FUNAI que a FAB estava querendo uma área de aproximadamente 100 kms ao redor da Base de Cachimbo como área de treinamento no Brasil Central. Esta área de 100 kms toca no local exato do atual PI Mekranoti (vê mapa pp 10) ! Os índios assim perderão a parte sudoeste da sua área de ocupação.

Tendo em visto este fato importante, e a problemática econômica do grupo no PI Mekranoti com caça e pesca, inclusive o fato que o pequeno igarapé ali seca cada ano e não dá bastante água potável na época seca resultando em problemas de saúde (amoeba) anualmente, decidi de ir no campo com a idéia de ver a possibilidade de propor aos índios de mudar-se para outro local.

No campo, senti que Bebgogoti realmente não queria levar seu povo para um rio grande, com medo de doenças. Ouvi dos índios que estavam muito tristes com esta separação do grupo para o PI Pukanu. Ouvi dos índios que a maioria da população age conforme a decisão do chefe Bebgogoti. Ouvi dos índios que Rob-ni tinha ouvido em Brasília da idéia na FUNAI para juntar todos os Kayapó na área dos Gorotire-Kubenkrankein e que Bebgogoti respondeu com uma negação radical contra esta proposta. Os motivos para ele negar assim foram que ele não considera aquela terra como dele, i.è. dos Mekranoti.

Analisando esta situação e os dados obtidos, senti que Bebgogoti não estava realmente contra mudar a aldeia para outro lugar, mas que 1º não podia ser na beira de um 'rio grande' e 2º tinha que ser numa área tradicional Mekranoti.

Sem este apoio da FUNAI, a mudança não se realizará !

Esta mudança dos índios para o Rio Iriri Novo, não só convém aos índios (i.è. às necessidades económicas da comunidade) mas também facilitará o apoio da FUNAI: será mais fácil de propor uma reserva aceitável para estes índios e a nova aldeia estará situada à uns 50 minutos de voo do posto de vigiância (posto de apoio para o Parque Nacional do Xingu). Indica que será melhor transferir a assistência para estes índios através do Parque.

Tudo indica uma aproximação entre os Txukarramãe e os Mekranotí. Sugestão esta que eu já assinali como muito importante para ambos os grupos no meu relatório de 23.06.1981.

Espero muito que a FUNAI dará todo apoio necessário à este povo para assim melhorar sua situação económica e assim assegurar o futuro deste grupo tribal que merece toda atenção.

Gustaaf Verswijver
(antropólogo)
Wilrijk (Bélgica), 7.02.1982